



FWP 2023

4º Festival
Itinerante
de Percussão
27 — 30
Dezembro
Castelo Branco





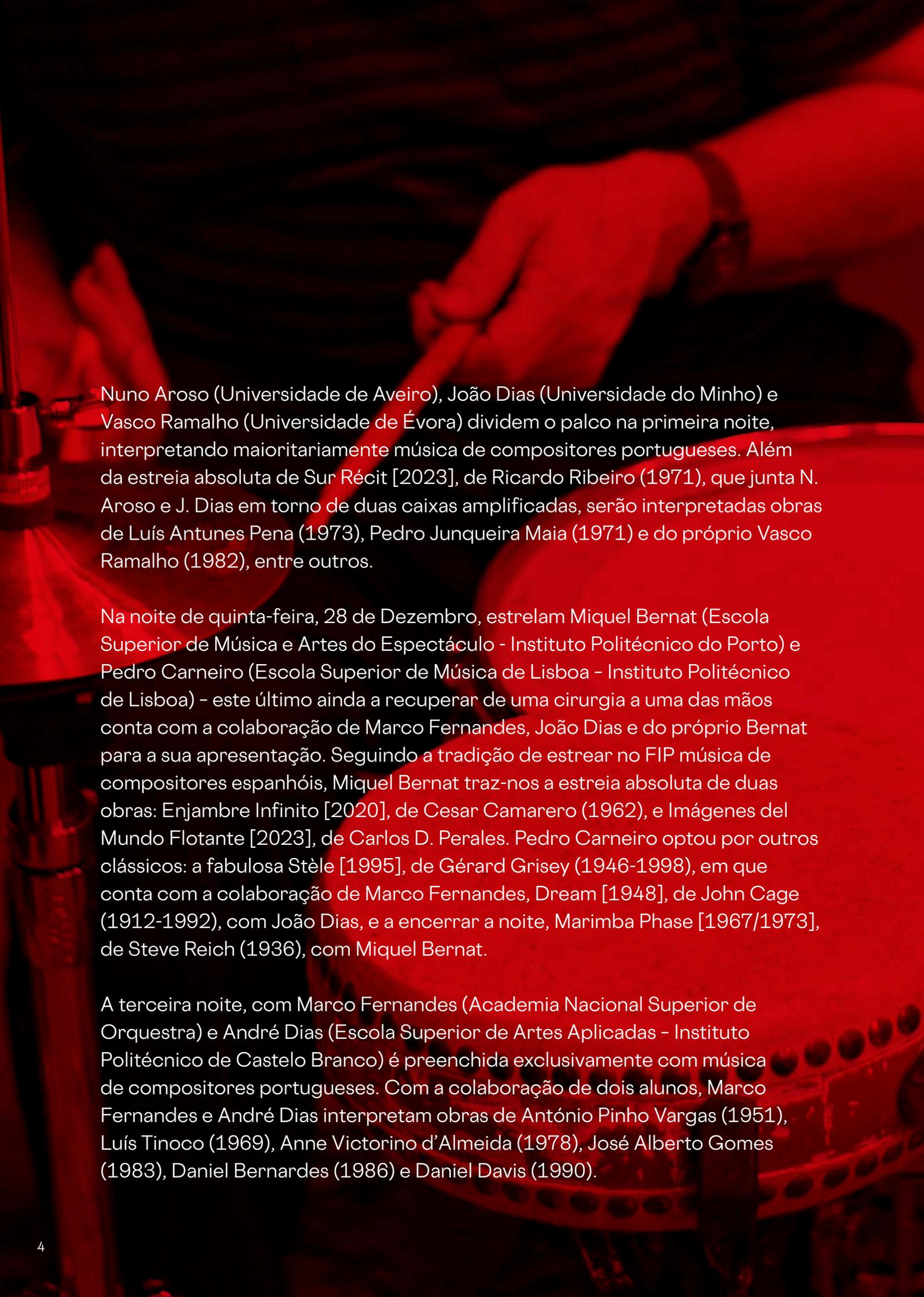
Cine-Teatro Avenida e Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART-IPCB)
+ Academia Nacional Superior de Orquestra + Escola
Superior de Música e Artes do Espectáculo + Escola
Superior de Música de Lisboa + Universidade de Aveiro
+ Universidade de Évora + Universidade do Minho

Depois de Aveiro (Centro Cultural e de Congressos, 2018), Évora (Teatro Garcia de Resende, 2019) e Porto (Casa da Música, 2021 + edição especial em 2023), o Festival Itinerante de Percussão (FIP) chega a Castelo Branco, dividindo-se entre o Cine-Teatro Avenida e o Centro de Cultura Contemporânea.

Com direcção de Mário Teixeira e Diana Ferreira, esta iniciativa da Arte no Tempo volta a reunir percussionistas de todo o país num trabalho conjunto de que nascerá a estreia de três septetos encomendados a compositores portugueses.

Com o apoio da Direcção Geral das Artes e do Município de Castelo Branco, a 4ª edição do FIP replica o habitual formato, propondo 3 recitais de solistas (27, 28 e 29 de Dezembro, às 21h30, no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco) nos quais 7 percussionistas profissionais, em representação das 7 instituições de ensino superior em que leccionam, dividirão o palco entre si, interpretando obras da sua preferência, antes do concerto de música de câmara que encerra o festival (30 de Dezembro, às 20h00, no Cine-Teatro Avenida), no qual jovens percussionistas oriundos das mesmas 7 escolas estreiam 3 septetos compostos por encomenda da Arte no Tempo, para a ocasião.



Nuno Aroso (Universidade de Aveiro), João Dias (Universidade do Minho) e Vasco Ramalho (Universidade de Évora) dividem o palco na primeira noite, interpretando maioritariamente música de compositores portugueses. Além da estreia absoluta de *Sur Récit* [2023], de Ricardo Ribeiro (1971), que junta N. Aroso e J. Dias em torno de duas caixas amplificadas, serão interpretadas obras de Luís Antunes Pena (1973), Pedro Junqueira Maia (1971) e do próprio Vasco Ramalho (1982), entre outros.

Na noite de quinta-feira, 28 de Dezembro, estrelam Miquel Bernat (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo - Instituto Politécnico do Porto) e Pedro Carneiro (Escola Superior de Música de Lisboa - Instituto Politécnico de Lisboa) - este último ainda a recuperar de uma cirurgia a uma das mãos conta com a colaboração de Marco Fernandes, João Dias e do próprio Bernat para a sua apresentação. Seguindo a tradição de estrear no FIP música de compositores espanhóis, Miquel Bernat traz-nos a estreia absoluta de duas obras: *Enjambre Infinito* [2020], de Cesar Camarero (1962), e *Imágenes del Mundo Flotante* [2023], de Carlos D. Perales. Pedro Carneiro optou por outros clássicos: a fabulosa *Stèle* [1995], de Gérard Grisey (1946-1998), em que conta com a colaboração de Marco Fernandes, *Dream* [1948], de John Cage (1912-1992), com João Dias, e a encerrar a noite, *Marimba Phase* [1967/1973], de Steve Reich (1936), com Miquel Bernat.

A terceira noite, com Marco Fernandes (Academia Nacional Superior de Orquestra) e André Dias (Escola Superior de Artes Aplicadas - Instituto Politécnico de Castelo Branco) é preenchida exclusivamente com música de compositores portugueses. Com a colaboração de dois alunos, Marco Fernandes e André Dias interpretam obras de António Pinho Vargas (1951), Luís Tinoco (1969), Anne Victorino d'Almeida (1978), José Alberto Gomes (1983), Daniel Bernardes (1986) e Daniel Davis (1990).

A 30 de Dezembro dá-se o culminar do trabalho conjunto orientado por João Dias, Nuno Aroso e Marco Fernandes, com a estreia absoluta das obras Geometrias [2023], de Ângela Lopes (1972), Things are lazy but want to be free [2023], de Luís Salgueiro (1993), e Configurations du poète [2022], de Isabel Soveral (1961), elevando para 12 o número de peças criadas por compositores portugueses para septeto de percussão, por iniciativa do FIP (somando-se a obras de João Pedro Oliveira, Ricardo Ribeiro, Mariana Vieira, Christopher Bochmann, Luís Carvalho, Pedro Berardinelli, Cândido Lima, Rita Torres e João Carlos Pinto).

Paralelamente à preparação dos concertos, decorrem 4 master classes de instrumento no Cine-Teatro Avenida, abertas também a alunos dos cursos secundários de música que pretendem tomar contacto com os professores das instituições para onde eventualmente seguirão no ensino superior. Pedro Carneiro lecciona a master class de tímpanos (dia 27), Vasco Ramalho a de marimba (dia 28), Miquel Bernat dedica-se ao vibrafone (dia 29) e André Dias, da escola local, ministra a master class de caixa (dia 30).

Abertos a todo o público, os concertos do 4º FIP são de entrada livre e prometem grande diversidade estética com representação maioritária de compositores portugueses.

Boas escutas!



Quarta-feira,
27 de Dezembro 21h30
Centro de Cultura Contemporânea
**Recital por João Dias, Vasco Ramalho
e Nuno Aroso**

Vasco Ramalho (1982)

Two... four... six... eight... ca 10' [1]

Ivan Trevino (1983) / V. Ramalho (adapt)

Catching Shadows ca 5' [1]

Vasco Ramalho

(In) Marlmmersive waves, para marimba e arte generativa computacional (adaptação para marimba solo sobre o tema “madeira river da obra águas da Amazonia de Philip Glass) ca 6' [1]

Augusto Marcellino/Gordon Stout (1952)

Remeleixo ca 4' [1]

Luís Antunes Pena (1973)

27 ossos [2021/2023] ca 8' [2]

Pedro Junqueira Maia (1971)

Vitruvius I/A [2021] ca 20' [3]

Ricardo Ribeiro (1971)

Sur Récit* [2023] ca 8' [2 e 3]

Sr.Dias & Sr.Silva (estão vivos)

Nova Obra * [2023] ca 5' [3]

* estreia absoluta

Quinta-feira
28 de Dezembro 21h30
Centro de Cultura Contemporânea
**Recital por Miquel Bernat
e Pedro Carneiro**

Gérard Grisey (1946-1998)
Stèle [1995] ca 6' [1 e 3]

Cesar Camarero
Enjambre Infinito* [2020] [2]

John Cage (1912-1992)
Dream [1948] ca 8' [1 e 4]

Carlos D. Perales
Imágenes del Mundo Flotante*
[2023] ca 14' [2]

Steve Reich (1936)
Marimba Phase [1967/1973]
ca 10' [1 e 2]
* estreia absoluta

[1] Pedro Carneiro
[2] Miquel Bernat
[3] Marco Fernandes
[4] João Dias



Sexta-feira
29 de Dezembro 21h30
Centro de Cultura Contemporânea
**Recital por André Dias
e Marco Fernandes**

António Pinho Vargas (1951)

Políticas da amizade, estudo para
vibrafone [2011] 5' [1]

Luís Tinoco (1969)

Mind the Gap [2000] 5' [2]

- Keep Left

- Next Train Approaching

Anne Victorino d'Almeida (1978)

7 Micro Actos* [2018] ca 8' [1]

intérprete: Marco Fernandes

José Alberto Gomes (1983)

Ni [2014] ca 9' [2]

Daniel Bernardes (1986)

Fragmentos [2015] ca 8' [3]

Daniel Davis (1990)

unfinished mirage...

[2015] ca 10' [4]

* estreia absoluta

[1] Marco Fernandes

[2] André Dias

[3] André Dias e Jaime Pereira

[4] Marco Fernandes e Gonçalo Matos

Sábado

30 de Dezembro 20h00

Cine-Teatro Avenida

Concerto de estreias

**septetos: obras de Isabel Soveral,
Ângela Lopes e Luís Salgueiro**

Ângela Lopes (1972)
GEOMETRIAS** [2023]

Pedro Gouveia [ESML]
Gonçalo Matos [ANSO]
Vasco Monteiro [UM]
Eduardo Rodrigues [UM]
Víctor González [ESMAE]
Pedro Leitão [UA]
Tiago Pessoa [ESART]

João Dias [UM], direcção

Luís Salgueiro (1993)
Things are lazy but want to
be free** [2023]

Tomás Santos [UÉ]
Rúben Oliveira [UM]
Sofia Costa [ESMAE]
Beatriz Magalhães [UA]
Ismael Sequeira Gouveia [ESART]
Joana Duarte [ESML]
Bernardo Ramos [ANSO]

Nuno Aroso [UA], direcção

Isabel Soveral (1961) |
Configurations du poète** [2022]

Isaque Andrade [ESMAE]
Afonso Primo [UA]
Jaime Pereira [ESART]
Tomás Jesuíno [ESML]
Afonso Mata [ANSO]
Gonçalo Flores [UÉ]
Vitória do Bem [UM]

Marco Fernandes [ANSO],
direcção

** estreia absoluta; encomenda
da Arte no Tempo financiada pela
Direcção Geral das Artes

**Ângela Lopes (1972) |
GEOMETRIAS [2023]**

para septeto de percussão

Desejava uma partitura que partisse de uma ideia gráfica. Rectas, segmentos de rectas, ângulos, figuras geométricas como triângulos, quadriláteros, circunferências, linhas perpendiculares e oblíquas, linhas e pontos, linhas poligonais, etc. Foi ao rever estas e outras matérias da ordem da geometria que parti para este septeto. Revivi estas matérias num livro da estante do compositor Cândido Lima, “Elementos de Geometria”, do autor António do Nascimento Palma Fernandes. Livro com uma dedicatória ao compositor Cândido Lima como distinção do seu mérito literário aquando dos seus estudos em jovem.

A obra, dividida em quatro andamentos, “attacca subito”, é uma obra para jovens (e menos jovens) onde, em cada um dos andamentos, são exploradas, essencialmente, as seguintes sonoridades: metais de alturas indeterminadas, membranas de alturas indeterminadas, metais de alturas determinadas e madeiras de alturas indeterminadas. Entre uma escrita determinista e indeterminista, materiais dados executados aleatoriamente, repetindo ou improvisando, longas passagens em tempo livre, obra de possíveis interpretações tanto quanto possível precisas, mas atendendo à natureza subjectiva dos grafismos será, por isso, objecto de diversas visões.

Encomenda da Arte No Tempo, a quem a obra é dedicada, é dedicada, ainda, ao compositor e aniversariante de agosto Cândido Lima. Pelos afectos, pelos olhares infinitos, pelas serras D’Arga todas, pelos oceanos e mares daqui e d’além, pelas geometrias dos nossos espaços, pelos coros e mulheres que nos rodeiam, pelo outono, pelos maios e pelos tambores, em jeito de “TRAMA” fios cruzados na dança da vida. *A. L. Ovar, 15 de novembro de 2023*

Luís Salgueiro (1993)

Things are lazy but want to be free [2023]

para septeto de percussão

Esta peça vem juntar-se à rica tradição de literatura não-especializada que abusa do conceito de “entropia”. Mas fá-lo com a esperança de uma leitura mais justa — como, de resto, todas as outras o tentaram.

Não a sentimos como quantidade física, ao contrário da gravidade (que nos faz pesar os ossos), da fricção (que nos faz doer os ossos) ou da energia e da força (que nos fazem mover o que nos vai restando dos ossos). Ainda assim

— ou precisamente por isso —, a entropia enquanto metáfora parece inspirar mais que todos estes outros conceitos. Toda a gente sabe que a entropia é o caos e a desordem. Pior: toda a gente sabe que a desordem só aumenta, que o caos só se espalha. Toda a gente sabe que é a segunda lei da termodinâmica (ainda que pouca gente saiba de termodinâmica). O retrato mais completo não é assim, claro. Se assim fosse, como explicar a biologia, que pega em matéria desorganizada precisamente para a reconstituir em complexas organizações?

Um relato melhor da entropia será então: de quantas maneiras diferentes conseguimos nós reconstruir um mesmo todo complexo a partir das suas partes constituintes? Como é que do caos (seja a palavra entendida na sua acepção mais coloquial, na filosófica ou na técnica) emerge um equilíbrio provável? Esta tem sido, de resto, a pergunta motriz de muita da minha produção recente, especialmente nas peças que fazem uso de alguma componente de álea. Como desenhar sistemas que absorvam certo tipo de energia — ou que energia se expressa em certo tipo de sistemas?

Os sons desta peça, organizados ao longo dos eixos dísticos de vários quadrados de Greimas, estão em permanente tensão — algo que a matéria não gosta, como está bem de ver pela expectável reacção provocada pela leitura da oração anterior. Esta tensão liberta mais e mais energia, que se livra das estruturas que a continha e deixa ser capaz de trabalho. A dramaturgia da peça encena, então, um constante reconfigurar da textura e do gesto musicais — do ambiente em que eles existem —, de forma a resgatar a vida do caos da liberdade. *L. S.*

Isabel Soveral (1961)

Configurations du poète [2022]**

para septeto de percussão

Parafraseando A. Breton, diria que qualquer nova obra é uma revisão total dos meios do seu autor para percorrer a sua própria aventura fora dos caminhos já traçados, desafiando os ganhos obtidos anteriormente. Esta peça manifestou-se através de um trabalho de configuração e desconfiguração de formas já habitadas em outras narrativas, e aqui surge a tensão entre gestos poéticos do passado e do presente que garantem uma certa ambivalência à obra, e que são revelados num equilíbrio de forças que incluem a mediação entre o uso e o desgaste.

Em *Configurations du Poète*, configura-se o espaço com som chegando à matéria sonora no tempo, a matéria da “minha” forma, o auto-retrato. Na verdade, as derradeiras notas sobre uma obra são aquelas que a própria obra traz de volta ao autor. *I. S., 18 de Dezembro de 2023*

Master Classes

Cine-Teatro Avenida

Quarta-feira, 27 de Dezembro

Pedro Carneiro (tímpanos)

Quinta-feira, 28 de Dezembro

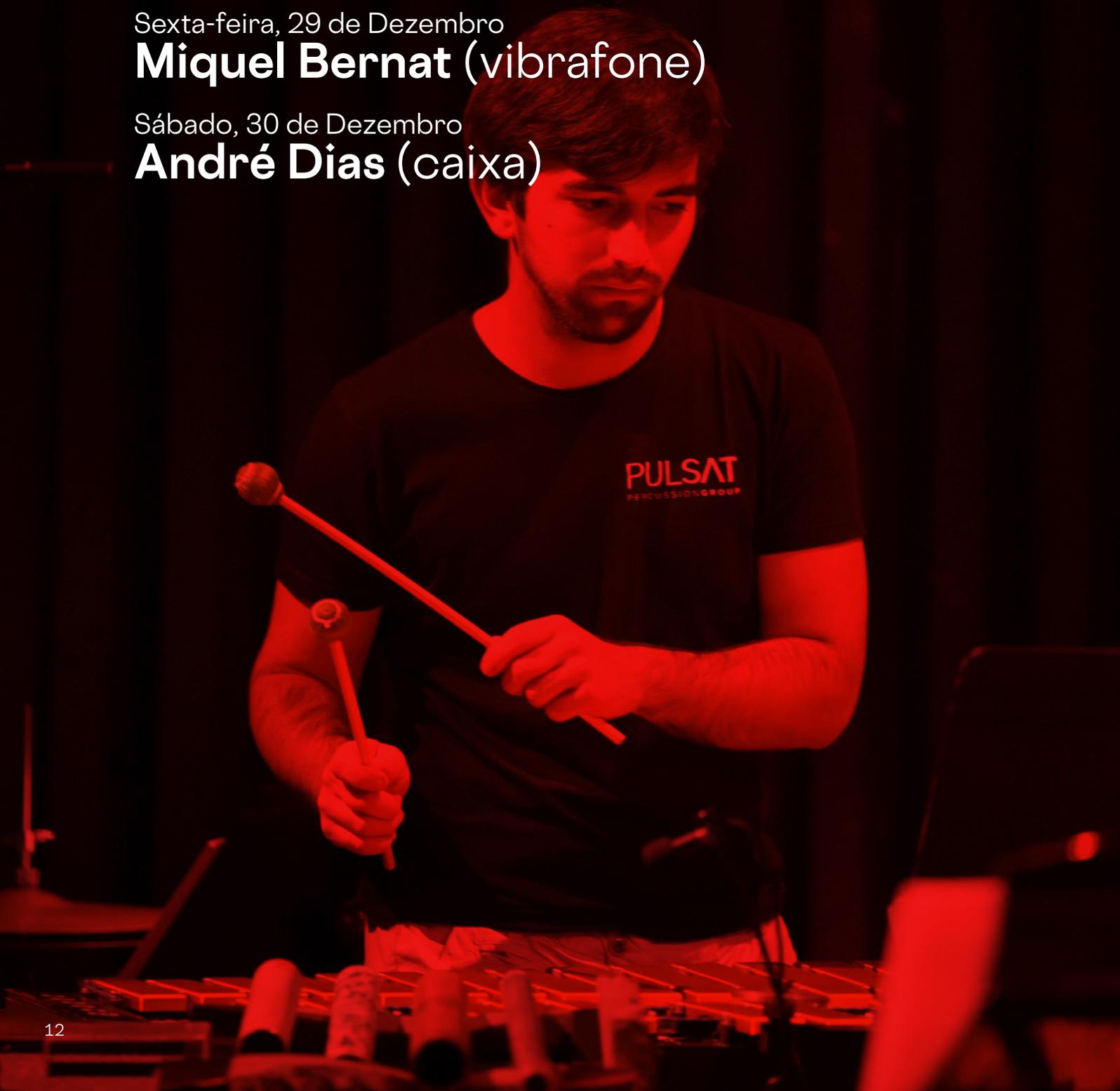
Vasco Ramalho (marimba)

Sexta-feira, 29 de Dezembro

Miquel Bernat (vibrafone)

Sábado, 30 de Dezembro

André Dias (caixa)



Biografias

Marco Fernandes (ANSO)

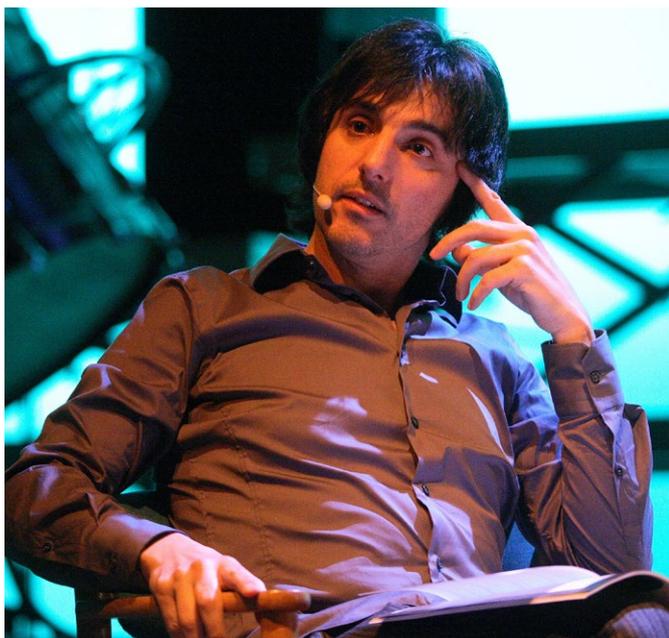
Mestre em música e ensino pela Escola Superior de Música de Lisboa, Marco Fernandes (Arrentela - Seixal, 1986) frequenta actualmente o programa de doutoramento em música e musicologia da Universidade de Évora. Define-se como um dos percussionistas portugueses mais activos e versáteis da sua geração, focando-se particularmente no repertório de música de câmara. Freelancer nas principais orquestras e agrupamentos portugueses, é professor coordenador na Metropolitana e professor adjunto convidado na Escola Superior de Música de Lisboa. É também director artístico das Percussões da Metropolitana e presidente do júri do Concurso Internacional de Percussão da Beira Interior. É artista das marcas Innovative Percussion, Majestic Percussion e Zildjian Company.



André Dias (ESART - IPCB)

Licenciado em percussão e mestre em Ensino de Música pela ESMAE (Porto), André Dias (1991) foi distinguido com bolsas de mérito em todas as instituições que frequentou. O trabalho junto de compositores portugueses tem sido uma das premissas da sua actividade artística, participando em projectos como Cara Ano Zero (2014) e A.bel - música interactiva (2015), estreando dezenas de obras, das quais se destacam Drive! (2013), para multi-percussão e electrónica, de Igor Silva, e The Colour of a time (2015), para percussão solo, electrónica e orquestra, de Daniel Martinho. Enquanto solista, tocou com a Münchner Symphoniker, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Gulbenkian, Banda Sinfónica Portuguesa, Orquestra Clássica de Espinho, Orquestra Sinfonietta da ESMAE, Orquestra Sinfónica da AMCC. Foi distinguido em diversos concursos, dos quais destaca o 2º prémio na VI International Percussion Competition - Fermo (2008), vencedor do Concurso Helena Sá e Costa (2011), 1º prémio no Prémio Jovens Músicos - 27ª edição, percussão solo - nível superior (2013), ao qual se seguiu o prémio especial European Union of Music Youth Competitions. Em 2014, foi um dos semi-finalistas do prestigiado Tromp Percussion Competition - Eindhoven e foi seleccionado para a Lucerne Festival Academy, onde interpretou a obra Portugal, de Johannes Maria Staud, para percussão solo. Em 2015, foi seleccionado para o New Talent

(Bratislava), organizado pela European Broadcasting Union, em representação da Antena 2. Já em 2016, obteve o 1º prémio no I Concurso Internacional da Beira Interior. Actualmente é docente na Academia de Música de Costa Cabral, Escola Profissional de Música de Espinho, e professor assistente convidado na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART), director artístico do Concurso Internacional de Percussão - Gondomar 2018, chefe de naipe da Banda Sinfónica Portuguesa, 1º reforço na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, membro do Pulsat Percussion Group e colabora regularmente com o Drumming GP.



Miquel Bernat (ESMAE - IPP)

Miquel Bernat (Benisanó, Valência) é um dos mais destacados vultos internacionais da Percussão. Estudou nos conservatórios de Valência, Madrid, Bruxelas e Roterdão e frequentou o Aspen Summer Music Course, nos Estados Unidos. Entre outros, foi laureado com o “Prémio Extraordinario Final de Curso” dos conservatórios de Madrid e de Bruxelas, com o “Prémio Especial de Percussão”

no concurso Gaudeamus na Holanda em 1993 e com o segundo prémio de interpretação de Música Contemporânea no mesmo certame, com o Rotterdam Percussive, bem como com o segundo prémio do Aspen Nakamichi Competition (EUA), como solista. Tocou com a Orquestra Ciutat de Barcelona (1988-1991) e com a Royal Concertgebouw Orchestra de Amesterdão, entre outras, assim como com os grupos de música contemporânea Ictus Ensemble, Quarteto Ictus de Bruxelas e Duo Contemporain de Rotterdam.

Apaixonado pela criação contemporânea, colabora estreitamente com numerosos compositores, estreado diversas obras, das quais muitas lhe são dedicadas.

Professor nos Conservatórios Superiores de Música de Roterdão e Bruxelas, Miquel Bernat tem desenvolvido um intenso trabalho pedagógico na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (Porto) e Escola Profissional de Música de Espinho, tendo sido convidado para leccionar na Universidade de Aveiro e na Escola Superior de Música da Catalunha. É fundador do Drumming - GP, agrupamento que foi residente da Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura, com o qual dirigiu numerosos concertos em Portugal, França, Bélgica, Alemanha, Brasil e Espanha.

Pedro Carneiro (ESML - IPL)

Além de percussionista, Pedro Carneiro (1975) é cofundador, director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) e da Jovem Orquestra Portuguesa (JOP, membro da EFNYO). Na sua tripla actividade como instrumentista, chefe de orquestra e



compositor, Pedro Carneiro tem vindo a cativar plateias por todo o Mundo. Estudou piano, violoncelo e trompete, desde os cinco anos de idade. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian no Guildhall School of Music and Drama, onde terminou a sua licenciatura com a distinção “Head of Department Award”. Seguiu também os cursos de direção de orquestra de Emilio Pomàrico, na Accademia Internazionale della Musica, em Milão.

Pedro Carneiro tocou, em estreia absoluta, mais de uma centena de obras, e trabalha regularmente com celebrados instrumentistas, orquestras e compositores.

Pedro Carneiro apresenta-se como solista convidado de prestigiadas orquestras internacionais: Los Angeles Philharmonic, Seattle Symphony Orchestra, BBC National Orchestra of Wales, Helsinki Philharmonic e Finnish Radio Symphony Orchestra, Iceland Symphony Orchestra, English Chamber Orchestra, Vienna Chamber Orchestra, Budapest Festival Orchestra, Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Leipzig Radio Symphony Orchestra e Swedish Chamber Orchestra,

entre outras, sob a direção de maestros como Gustavo Dudamel, Oliver Knussen, John Neschling e Christian Lindberg. Colaborou ainda com prestigiados instrumentistas e compositores, como os quartetos Tokyo, Shanghai, Chilingirian, New Zealand e Latinoamericano. Em particular, a sua colaboração estreita com o quarteto Arditti está fixada em dois registos discográficos. Carneiro compõe para teatro, dança e cinema. Da sua extensa discografia, destaca-se a monografia de Xenakis (2004) e dois discos concertantes no selo germânico ECM (New Series).

Apresenta-se regularmente como chefe de orquestra (por vezes dirigindo a partir do teclado da marimba) em diversas orquestras nacionais, como a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra do Algarve e Fundação Orquestra Estúdio, e internacionais, como a Orquestra Sinfónica da Estónia, sendo maestro convidado no Round Top Festival, no Texas, EUA e no FEMUSC (Festival de Música de Santa Catarina, Brasil). Colabora regularmente com o realizador João Viana, e os encenadores Jorge Silva Melo e Miguel Moreira, enquanto compositor.

Premiado no Prémio Jovens Músicos, incluindo Prémio Maestro Silva Pereira (1997); Park Lane Young Artists Auditions (1998) e Prémio da Hattori Foundation for Young Musicians (2001), ambos em Londres; Medalha de Honra da Cidade de Setúbal (2011); Prémio Gulbenkian Arte (2011) e Nomeado Prémio Autores 2016, da Sociedade Portuguesa de Autores, para Melhor Trabalho de Música Erudita,

pelo “concerto na Konzerthaus em Berlim com a Jovem Orquestra Portuguesa”.



Nuno Aroso (Universidade de Aveiro)

Nuno Aroso vem desenvolvendo a sua carreira focado no progresso da literatura para a sua área instrumental, a Percussão. Tocou em estreia absoluta mais de 150 obras, gravando parte deste repertório em múltiplas edições discográficas nacionais e internacionais. Ao longo da carreira, apresenta-se em variados palcos da música contemporânea na Europa, América do Norte, América do Sul e África. Particularmente motivado para a inserção da percussão erudita em contextos artísticos multidisciplinares, desenvolve com frequência projectos com outras áreas de criação: Dança, Cinema, Teatro, Literatura. O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação.

Nuno Aroso licenciou-se pela Escola Superior de Música do Porto com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. É doutorado pela Universidade Católica Portuguesa. Actualmente é professor na Universidade de Aveiro e investigador no INET-md. Estende a sua actividade docente como convidado noutras universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte (Brasil), Conservatório Superior de Aragão (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao (Itália), Festival de Percussão de Uberlandia (Brasil), Days of Percussion - Athens (Grécia), World Percussion Movement - Bari (Itália), Universidade Federal da Bahia (Brasil), Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Connect Festival - Mälmo (Suécia), Konart Percussion Academy Barcelona (Espanha), Universidade de la Plata (Argentina), Conservatório de Macau (China), Conservatório de Paris (França), Conservatório de Tours (França), Northwestern University (EUA), University North Texas (EUA), Festival de Percusión de Patagónia (Argentina), Valencia Percussion Academy (Espanha) e Manhattan School of Music (EUA).

Vasco Ramalho (Universidade de Évora)

Vasco Ramalho (Reguengos de Monsaraz, 1982) é licenciado em Percussão pela Universidade de Évora (2005), na classe do professor Eduardo Lopes. Enquanto aluno desta instituição, foi distinguido com uma bolsa de mérito dois anos consecutivos, prémio atribuído



aos melhores alunos de cada curso. Entre 2006 e 2008, efectuou uma Pós-Graduação em marimba solista no Royal Conservatory Antwerpen (Bélgica) na classe do professor Ludwig Albert. Enquanto estudante, participou em vários cursos e festivais internacionais, dos quais destaca Zeltsman Marimba Festival 2003, que decorreu em Appleton (WI-EUA); Ludwig Albert Academy 2006 (Bélgica); Keiko Abe Academy 2007 (Bélgica); IPEW 2008 (Croácia). Enquanto profissional, orientou inúmeros Masterclass e Workshops em festivais de percussão nacionais e internacionais, de que destaca o Festival de Música da Universidade de Évora 2013; Tomarimbando 2014, 2017 e 2021; Percussion Friends 2017 (Conservatório de Amsterdão). Dedicado ao desenvolvimento e expansão da percussão no Alentejo e Algarve, começou a sua carreira docente no ano de 2003, iniciando posteriormente a classe de percussão em sete conservatórios e academias: Conservatório Regional do Alto Alentejo e Conservatório Regional do Baixo Alentejo (2005), Academia de Música de Lagos

e Conservatório de Portimão (2006), Conservatório de Lagoa e Conservatório Regional de Vila Real de Santo António (2007) e, mais recentemente, a classe de percussão do Conservatório de Música de Loulé Francisco Rosado.

Desde 2012, é director artístico das 7 edições realizadas do Festival Internacional de Percussão de Portimão, do 1º e 2º FIPAC, das 6 edições do Festival Internacional de Percussão de Évora, do 1º Festival de Percussão de Alcácer do Sal e das 3 edições do festival Dias da Percussão de Portimão.

Em Julho de 2017, lançou o seu primeiro álbum discográfico, Vasco Ramalho - Essências de Marimba, Fados & Choros, apresentando-se em público com o mesmo projecto cerca de meia centena de vezes, em várias cidades de Norte a Sul do país.

Vasco Ramalho é artista Adams (desde 2012), assim como artista das marcas Innovative Percussion, Zildjian e Remo (desde 2019). Actualmente é doutorando em Média Arte Digital na Universidade do Algarve/Universidade Aberta e professor Assistente convidado na Universidade de Évora, onde lecciona Percussão e Música de Câmara.

João Dias (Universidade do Minho) Percussionista, licenciado e mestre pela ESMAE (Porto), na classe de Miquel Bernat, Manuel Campos e Nuno Aroso. Iniciou em 2016 o Doutoramento em Artes Musicais na variante de Prática Instrumental, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Escola Superior de Música de Lisboa, para o qual obteve bolsa de Doutoramento da Fundação para a



Ciência e Tecnologia (FCT) com o projeto:
“Música

Portuguesa para Percussão Solo:
processos de mediação entre intérprete e
compositor na criação de nova música.”

Fez parte da European Union Youth
Orchestra (2006-2009) onde trabalhou
com Vladimir Ashkenazy, Rainer
Seiguers (Berliner Philharmoniker) e
Simon Carrington (London Philharmonic
Orchestra).

Enquanto intérprete, tem dedicado
grande parte do seu tempo ao Drumming
Grupo de Percussão (DGP), desde
2004 (grupo fundado em 1999 que,
desde então, se tem afirmado como
um dos mais importantes colectivos
do género, vocacionado para a música
contemporânea), onde tem um papel
activo enquanto intérprete e mediador
na colaboração com compositores, na
criação de novas obras para o grupo,
tendo estreado dezenas de obras de
compositores de várias nacionalidades.
Com o DGP participou na gravação de
oito CD's monográficos dedicados à
obra para percussão dos compositores
registados, e participou em mais três não

assinados pelo grupo.

Como solista, desenvolveu, a pedido do
director artístico do Festival Música Viva,
o projecto a solo “Caixa Elétrica” (2016),
dedicado à disseminação da música
portuguesa para percussão solo dentro
e fora do país, como é o caso de uma
das suas apresentações no Darmstadt
Summer Course em 2018.

Em 2018, obteve apoio do Criatório
(plataforma de apoio à criação artística
da Câmara do Porto) para criar um novo
projeto a solo: DiRE-SoNo: “Discursos
de (R)Evolução do Som no Espaço”,
tendo o projecto sido também apoiado
pela DGArtes, para circulação. DiRE-
SoNo é um concerto/installação onde se
pretende que a performance e o espaço
se tornem inseparáveis da experiência,
proporcionando uma nova perspectiva de

fruição da obra artística. Foi desenvolvido
a partir de um trabalho colaborativo de
exploração e criação entre intérprete
e um colectivo de 5 compositores, que
resultou na criação de novas obras, em
que cada uma tem a sua identidade,
pronunciando-se simultaneamente um
discurso conjunto e homogéneo.

Supernova Ensemble é o seu mais
recente projecto, juntamente com o
compositor José Alberto Gomes. Nele
desempenha simultaneamente o papel
de director artístico e de intérprete.
Supernova é um projecto que incuba
no programa de artista em residência
da Circular - Associação Cultural e foi
criado para ir ao encontro de uma
comunidade internacional dedicada
à música inovadora em contextos
performativos, de Sound Art e New
Media, com grande foco no trabalho

de colaboração, sendo composto por artistas de formações e orientações diversas.

Tem vindo a desenvolver vários outros projectos e colaborações, salientando-se o mais recente trabalho que desenvolveu enquanto artista residente do projeto COPRAXIS Ectopia no i3S (Instituto de Investigação e Inovação em Saúde), em que, juntamente com o artista José Alberto Gomes, fez um trabalho de exploração e criação entre arte e ciência, mais especificamente com o grupo Epithelial Polarity & Cell Division do investigador e group leader Eurico Morais de Sá, de onde resultou a obra/instalação “And it keeps going or the never-ending song of life”.

É investigador do GIMC - Grupo de Investigação em Música Contemporânea do CESEM, onde dedica particular interesse na mediação/colaboração entre compositor e intérprete na criação de nova música para percussão. É também membro do Sond’Ar-te Electric Ensemble, com o qual já publicou dois CDs, e do trio Ellectroville JUKEBOX, que se prepara para lançar o seu primeiro disco, em 2023, com encomendas a compositores nacionais.

Colabora com Sonoscopia Associação, Remix Ensemble, Orquestra Sinfónica da Casa da Música e Orquestra Gulbenkian, entre outros. É docente na Universidade de Aveiro e na Universidade do Minho.





A **Arte no Tempo** é uma associação cultural sem fins lucrativos, sediada em Aveiro, que tem como objectivo a divulgação da arte musical contemporânea através da promoção de eventos, do incentivo à criação e à interpretação, da edição e da realização de actividades performativas, podendo, para tal, estabelecer relações com outras formas de expressão artística.

Da sua actividade actual, destaca-se os projectos de criação e de divulgação, como as bienais alternadas **Reencontros de Música Contemporânea e Aveiro_Síntese**, que realiza no Teatro Aveirense, ou o agrupamento de música de câmara **ars ad hoc**, com as suas residências regulares na Fundação de Serralves, onde apresenta programas de música actual com os mais elevados padrões de exigência, e concertos um pouco por todo o país e no estrangeiro, onde combina a interpretação de música contemporânea com obras incontornáveis do grande repertório.

Salienta-se também a criação regular de projectos cénicos e de projectos comunitários (o último dos quais foi o **Coro dos Pequenos Cidadãos**, apoiado pelo programa Cidadãos Ativ@s), a realização de actividades de formação de músicos (como **Nova Música para Novos Músicos**, que se traduz na realização de oficinas em escolas do ensino artístico especializado de música, um estágio de música de conjunto associado às bienais da Arte no Tempo e, ainda, a encomenda e publicação de partituras de novas peças destinadas a músicos em formação; ou o **Festival Itinerante de Percussão**), a manutenção de actividades de mediação e desenvolvimento de públicos (como as sessões de escuta partilhada **Que música ouvimos?**, maioritariamente destinadas a um público adulto, e as actividades desenvolvidas em contexto escolar **crescer com a música**) e a curadoria de concertos de música de câmara com a mais recente criação musical, associada a actividades de formação, de que são exemplo os **Tubos de Ensaio**, a que se soma ainda a linha de itinerância **estrada fora**.

A Arte no Tempo é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Cultura / Direcção Geral das Artes.



FWD

2023